

Indústria cresce menos

JORGE ABDUCH

Apesar da tonelada de 800 quilos, do pagamento antecipado, do sobrepreço e das outras formas de ágio, a indústria teve em 1986 um de seus anos de ouro, talvez só comparável ao desempenho da fase do milagre econômico do governo Médici. Beneficiária do Plano Cruzado, depois de já se vir refazendo dos três anos e meio de crise — de 81 a 84 —, por meio das vendas externas, e tendo tomado maior impulso em 85, a indústria “explodiu sua produção”, registrando crescimento de 12,1% no Estado de São Paulo (responsável por dois terços do parque industrial brasileiro). Este desempenho, segundo o diretor do Departamento de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Walter Sacca, é marca recorde desde 1976, quando a Fiesp iniciou o Levantamento de Conjuntura, que mede o Indicador de Nível de Atividade.

A explosão da produção industrial, consequência do aumento do poder aquisitivo da população, só foi possível por causa da ociosidade ainda existente no parque industrial, mas ainda assim foi insuficiente para atender à demanda interna, extremamente aquecida, e ao mesmo tempo manter o nível de exportações que o País vinha registrando desde 85. Agora, com a ocupação quase plena da capacidade instalada — muitos setores já atingiram ou superaram suas melhores marcas, de 1980, e estão operando com cerca de 90% do potencial, como por exemplo o setor de papel —, as perspectivas para 87 são mais “modestas”, em relação a este ano, mas ainda assim elevadas em comparação com outros países, até os industrializados: entre 7% e 8%.

Obviamente esta expectativa dependerá do comportamento da economia, menos aquecida por causa das últimas medidas adotadas pelo governo e pelo descongelamento de preços que deverá entrar em vigor mais sensivelmente a partir de janei-



Sacca: marca recorde

ro (por enquanto foram os automóveis e combustível). Dependerá também de o governo conquistar a confiança dos empresários, em relação a “mudanças de regras durante o jogo”, isto é, adotar uma postura menos intervencionista na economia, garantindo a estabilidade necessária aos investimentos. Aliás, investimentos que haviam sido programados desde o final de 85, a maioria para modernização e eliminação de gargalos de produção, mas nem todos foram realizados, exatamente pelo temor do retorno à recessão.

Em que pese o aumento da inflação, em princípio pelo aumento das taxas de juros e posteriormente pelo aumento dos preços, as retificações do Plano Cruzado estabeleceram condições mais favoráveis à aplicação de recursos para ampliar ainda mais a capacidade da indústria. É bem verdade que boa parte do crescimento estimado para 87 dependerá de investimentos do próprio governo em obras de infra-estrutura, cujos recursos estão condicionados a um acordo favorável na questão da dívida externa.

O fator que poderá ser empecilho para que a estimativa de crescimento da indústria se concretize no próximo ano, por incrível que pareça — porque há três anos o problema era exatamente o inverso —, é a falta da mão-de-obra, especializada ou não.